

Diante da Dor

Condensado de FAMILY HEALTH
MAX WYLIE

Embora todo mundo sofra perdas, poucos terão sofrido perda tão completa como Max Wylie, escritor e homem de televisão. Em 1963, Wylie era casado e feliz, pai de duas môças inteligentes. Então deu-se a tragédia. A filha mais môça, Janice, de 21 anos, e sua companheira de quarto foram brutalmente assassinadas por um assaltante em seu apartamento em Nova York. Em 1968, a mulher de Wylie morreu de câncer, depois de longa enfermidade. Alguns meses depois, Pamela, a filha sobrevivente, de 30 anos, morreu de pneumonia. Wylie conta aqui o que aprendeu sobre a maneira de enfrentar a desgraça avassaladora.

AVIDA TEM de ser vivida. Moralmente, não temos outra escolha senão continuar, quaisquer que sejam as circunstâncias. Socialmente, essa obrigação é ainda maior. Mesmo que não pareça haver uma razão para continuar vivendo, não podemos repudiar as nossas ligações com todos os que nos cercam. Seja amor, simpatia, interêsse ou relacionamento, nossos laços com o resto da humanidade nunca podem ser rompidos.

Retrair-se para dentro de si mesmo é uma reação comum diante do infortúnio. Mas quanto mais o homem se preocupa consigo mais se diminui. Se êle se absorver total-

mente em si mesmo, ficará totalmente reduzido e não será nada. Terá bloqueado seu caminho para qualquer forma de felicidade, para qualquer nível de sanidade.

Imediatamente depois da perda de alguém, quando o choque é mais agudo, não há muita coisa que se possa fazer. Ninguém que é atingido por uma perda súbita acredita que o tempo o irá curar. O que se pode fazer é agüentar e sofrer, insensível a tôda dor que não a sua.

Mas se se quiser recuperar a coragem depois de uma catástrofe aniquiladora—seja a perda de um emprêgo, uma enfermidade deformante, a morte de uma pessoa da famí-

lia, uma separação dolorosa, uma traição, rejeição ou a perda súbita de faculdades normais—há certos fatos positivos a lembrar. Por pior que seja a nossa situação, não somos os únicos; nem somos os primeiros que passam por isso. Há muitos outros que estão no nosso caso neste minuto mesmo. O infortúnio é a única moeda verdadeiramente internacional que o mundo já teve.

No dia seguinte àquele em que perdemos nossa filha mais moça, de maneira tão trágica, em Nova York, eu soube por telegrama que meu amigo mais antigo tinha morrido de repente em Londres, que a viúva estava voltando com as cinzas d'ele e que ela queria que eu ajudasse a carregar a urna. Durante algumas horas não cheguei nem a perceber o significado do telegrama. Mas antes de terminar o dia comecei a vislumbrar a dor da viúva, talvez um pouco dos problemas da família. Embora não estivesse completamente consciente do que fazia, respondi "Sim" ao telegrama—mas não acreditava realmente que conseguisse suportar a provação daqueles dois enterros em dois dias.

Agora, recordando, sei que aprendi algo importante. Parte da nossa dor desaparece quando participamos da de outro. Torna-se mais suportável. Nossa dor nunca nos deixará completamente, mas, se compartilharmos sinceramente as dificuldades de outra pessoa, contribuirá para afastar as brumas monopolizadoras e sufocantes de uma grande perda pessoal.

Com o correr dos meses descobri que quanto mais a gente consegue se preocupar com as dificuldades de outros, menos se preocupa com as próprias. Hoje estou novamente ligado a outras pessoas. Minha visão da vida começou a clarear assim que dei as costas, não à recordação, mas ao desespero. A maré de infelicidade mudou quando comecei a pensar, não sobre a substância e presença da morte, mas sobre a substância e presença da vida.

Nossa família era tão intensamente viva nos tempos em que estávamos juntos que hoje me vêm à mente mil vitórias de minhas filhas durante o seu crescimento até à maturidade. Refiro-me aos triunfos invisíveis, tranqüilos, do desenvolvimento, às pequeninas mas imensas vitórias que elas conquistaram com muito esforço ou muito estudo: a vitória sobre o medo; o domínio da álgebra; a descoberta da poesia, do ritmo, da beleza natural e da variedade, fascinação e tormento que há no mundo. E creio que é igualmente importante recordar a alegria. Poucas famílias jamais tiveram tanto riso espontâneo quanto os Wylie.

Àquelas pessoas que têm a felicidade de viver rodeadas das pessoas de quem mais gostam eu gostaria de fazer a seguinte pergunta: neste momento, em suas próprias palavras e atos, *que tipo de recordações vocês estão construindo?* É o intercâmbio tranqüilo, do dia-a-dia, que constitui a maior riqueza de toda a vida. Neste instante, dia a dia, é você que en-

che o poço em que se abastecerá quando estiver só.

Se a vista e os sons de velhos ambientes—objetos familiares, fisionomias, vozes, lojas, restaurantes—mantêm viva uma aura dolorosa de recordações, mude-se. Quando não restava mais ninguém de minha família, eu fechei o apartamento de Nova York e me mudei para um lugar a 130 quilômetros de distância. Hoje vivo e escrevo num lugarejo no campo. Acredito que a mudança súbita, depois de 30 anos numa cidade grande, para a beleza tranqüila e deslumbrante da minha nova casa, com novas fisionomias, novos problemas, novas exigências, novos sons e perfumes, está produzindo um efeito positivo e salutar.

Levanto-me cedo. Deito-me cedo. Um bando de patos selvagens que adotaram um lago próximo acordame de manhã voando sobre minha casa. Eu fico a olhar de minha janela

enquanto eles pousam e começam a organizar o seu dia. Então levanto-me e começo a organizar o meu.

É importante manter-se ocupado, dar o melhor de si ao trabalho e aos amigos. É importante estarmos sempre aumentando o âmbito e a variedade das nossas relações. Um trecho do livro *The Courage to Be* (“A Coragem de Ser”), de Paul Tillich, ilustra a questão: “Quando o estóico romano sofria uma catástrofe, suportava-a com coragem e resignação. Mas o homem de hoje, depois de ter perdido os alicerces de sua existência, trabalha para lançar novos alicerces.”

Há mais uma coisa: esqueça os incidentes sem importância do dia. Li um conselho útil a respeito disso: “Termine cada dia e considere-o liquidado. Você fez o que pôde. Certamente houve alguns enganos e absurdos. Esqueça-os assim que puder. Amanhã é um novo dia.”



Festa de Caridade

Os CIDADÃOS de Chicago Heights, em Illinois, tiveram, no verão de 1965, a oportunidade de fazer tiro ao alvo—três tiros por 25 centavos—contra o prefeito e outros funcionários.

O Prefeito Maurino Richton e alguns de seus colegas apresentaram-se como voluntários para ficarem sentados num poleiro dentro de uma gaiola de metal na festa de caridade. Os cidadãos—oposição ou situação—podiam atirar três bolas contra eles por 25 centavos. Quando uma das bolas atingia um alvo de metal, o funcionário que estava empoleirado na gaiola caía num tanque de água. A renda foi para um fundo destinado a comprar uma nova ambulância para o Corpo de Bombeiros.

—*Herald Tribune* de Nova York